



LIÇÃO **06**

08 de Fevereiro de 2026

1º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

O Filho como o Verbo de Deus

Esboço Da Lição 06

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 08 de fevereiro 2026

O FILHO COMO VERBO DE DEUS

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Nesta lição, estudaremos o sublime prólogo do Evangelho de João, que apresenta Jesus Cristo como o Verbo eterno. Longe de ter um início cronológico, o Filho de Deus é eterno e divino, sendo o Agente da Criação e a fonte de vida que dissipa as trevas humanas. Veremos que a encarnação foi um evento histórico e também o momento em que o Verbo se fez carne para "armar sua tenda" entre nós. Através de Cristo, o Deus invisível tornou-se plenamente conhecível, manifestando Sua glória, graça e verdade. Somos convidados a compreender que conhecer o Filho é, essencialmente, contemplar a face do próprio Pai. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (Jo 1.14, NVI).

A Palavra se tornou um ser humano e morou entre nós, cheia de amor e de verdade. E nós vimos a revelação da sua natureza divina, natureza que ele recebeu como Filho único do Pai. (Jo 1.14, NTLH).

O bispo anglicano J. C. Ryle escreveu o seguinte a respeito desse texto bíblico:

1. O Verbo realmente se fez carne? Então, ele é alguém sensível às aflições de seu povo, pois ele mesmo experimentou o sofrimento ao ser tentado. Ele é Todo-poderoso, pois é Deus; assim mesmo, identifica-se conosco, pois é homem.
2. O Verbo realmente se fez carne? Então, ele pode ser um exemplo perfeito para nossa vida diária. Se tivesse andado entre nós como anjo ou espírito, jamais poderíamos imitá-lo. Mas, por ter vivido entre nós como homem, sabemos que o verdadeiro padrão de santidade é “andar assim como ele andou” (1Jo 2.6). Ele é um modelo perfeito, porque é Deus; mas também é um modelo que corresponde perfeitamente às nossas necessidades, porque é homem.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

3. Por último, o Verbo realmente se fez carne? Então, procuremos ver em nosso corpo mortal uma dignidade real e verdadeira, e não o corrompamos pelo pecado. Fraco e vil como pode parecer, é um corpo que o eterno Filho de Deus não se envergonhou de assumir e levar para o céu. Esse simples fato é uma garantia de que ele ressuscitará nossos corpos no dia final e os glorificará junto com seu próprio corpo.

VERDADE PRÁTICA

Jesus Cristo, o Verbo eterno, é a revelação plena e visível de Deus ao mundo, manifestando graça, verdade e a glória do Pai.

A Verdade Prática nos apresenta três grandes fatos bíblicos:

1. Jesus Cristo é o Verbo eterno: uma Pessoa divina, distinta do Pai e da mesma essência. (Jo 1.1-2).
2. O Verbo encarnado é a revelação plena e visível do Pai: nele Deus se dá a conhecer. (Jo 1.14,18; Jo 14.9).
3. Essa revelação tem conteúdo: a graça que salva, a verdade que ilumina e a glória do Pai manifesta no Filho. (Jo 1.14,17; Hb 1.3).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. O VERBO COMO DEUS ETERNO

En archē ēn ho Logos, kai ho Logos ēn pros ton Theon, kai Theos ēn ho Logos.

Podemos dividir a estrutura da seguinte forma para facilitar a visualização:

1. *En archē ēn ho Logos* ("No princípio era o Verbo").
2. *kai ho Logos ēn pros ton Theon* ("e o Verbo estava com Deus").
3. *kai Theos ēn ho Logos* ("e o Verbo era Deus").

Ideia central do ponto: João apresenta o Verbo como eterno, pessoal e plenamente Deus, em comunhão com o Pai desde “o princípio” (Jo 1.1-2).

1.1 O Verbo preexistente.

Ideia central: Antes de toda a criação, o Verbo já existia, o que afirma a eternidade do Filho (Jo 1.1; Gn 1.1; Cl 1.17).

O aluno deve sair sabendo: Jesus não veio a existir após o seu nascimento em Belém; Ele existe desde sempre.

ALICÇÃO DIZ: *O prólogo de João (dezoito versículos iniciais) é chamado de “Hino Logos”. Na abertura: “No princípio, era o Verbo” (Jo 1.1a), as palavras “no princípio” lembram o texto introdutório da Bíblia (Gn 1.1) e claramente ensinam que o Verbo sempre existiu. Esta é uma maneira de referir-se ao atributo da Eternidade que só Deus possui. A expressão “Verbo” (gr. *lógos*) designa Deus, referindo-se à divindade do Filho.*

A seção de abertura do Evangelho de João expressa a verdade mais profunda do universo nos termos mais claros possíveis. Embora seja facilmente compreendida até mesmo por uma pessoa simples, inspirada pelo Espírito, as palavras de João transmitem uma verdade além da capacidade das maiores mentes da história humana de entender: o Deus infinito e eterno tornou-se homem na pessoa do Senhor Jesus Cristo. A gloriosa verdade incontestável de que, em Jesus, o divino “Verbo se fez carne” (Jo 1.14) é o tema do Evangelho de João.

A divindade do Senhor Jesus Cristo é um princípio essencial e inegociável da fé cristã. Diversas linhas de evidência bíblica fluem juntas para provar, de modo conclusivo, que Ele é Deus.

- 1.1.1 Em primeiro lugar, as declarações diretas das Escrituras afirmam que Jesus é Deus. De acordo com sua ênfase sobre a divindade de Cristo, João registra várias dessas declarações. O verso de abertura do seu Evangelho declara: “o Verbo [Jesus] era Deus” (Jo 1.1) No Evangelho de João, Jesus repetidamente assumiu para si o nome divino “Eu sou” (cf. Jo 4.26; 8.24, 28, 58; 13.19; 18.5, 6, 8). Em (Jo 10.30), Ele alegou ser um em natureza e essência com o Pai (os judeus incrédulos reconheceram isso como uma reivindicação de divindade, o que resultou na reação expressa no v. 33; cf. Jo 5.18). Jesus também não corrigiu Tomé quando este se dirigiu a Ele como “meu Senhor e meu Deus!” (Jo 20.28); ao contrário, Ele o elogiou por sua fé (Jo 20.29). A reação de Jesus é inexplicável se Ele não fosse Deus. Aos Filipenses, Paulo escreveu: “[Jesus], subsistindo em forma de Deus”, possuindo “igualdade com Deus” absoluta (Fp 2.6). Em (Cl 2.9), ele declarou: “Porque nele toda a plenitude da Divindade habita em forma corpórea.” (Rm 9.5) se refere a Cristo como “Deus bendito eternamente”; (Tt 2.13) e (2Pe 1.1) o chamam de “nosso Deus e Salvador.” Deus Pai dirigiu-se ao Filho como Deus em (Hb 1.8): “O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre, e o cetro justo é o cetro do seu reino.” Em sua primeira epístola, João se referiu a Jesus Cristo como “o verdadeiro Deus” (1Jo 5.20).
- 1.1.2 Em segundo lugar, Jesus Cristo recebe, em outros lugares nas Escrituras, títulos dados a Deus. Deus e Jesus são ambos chamados Pastor (Sl 23.1; Jo 10.14); Juiz (Gn 18.25; 2Tm 4.1, 8); Um Santo (Is 10; Sl 16.10; At 2.27; 3.14); Primeiro e Último (Is 44.6; 48.12; Ap 1.17; 22.13); Luz (Sl 27.1; Jo 8.12); Senhor do sábado (Êx 16.23, 29; Lv 19.3; Mt 12.8); Salvador (Is 43.11; At 4.12; Tt 2.13); Poderoso Deus (Is 10.21; Is 9.6); Senhor dos senhores (Dt 10.17; Ap 17.14); Alpha e Omega (Ap 1.8; 22.13); Senhor da Glória (Sl 24.10; 1Co 2.8); e Redentor (Is 41.14; 48.17; 63.16; Ef 1.7; Hb 9.12).
- 1.1.3 Em terceiro lugar, Jesus Cristo possui os atributos incomunicáveis de Deus, aqueles que são únicos para Ele. A Escritura revela que Cristo é eterno (Mq 5.2; Is 9.6), onipresente (Mt 18.20; 28.20), onisciente (Mt 11.27; Jo 16.30; 21.17), onipotente (Fp 3.21), imutável (Hb 13.8), soberano (Mt 28.18) e glorioso (Jo 17.5; 1Co 2.8; cf. Is 42.8; 48.11).

- 1.1.4 Em quarto lugar, Jesus Cristo faz as obras que só Deus pode fazer. Ele criou todas as coisas (Jo 1.3; Cl 1.16), sustenta a criação (Cl 1.17; Hb 1.3), ressuscita os mortos (Jo 5.21; 11.25-44), perdoa o pecado (Mc 2.10; cf. v. 7) e a sua palavra permanece para sempre (Mt 24.35; cf. Is 40.8).
- 1.1.5 Em quinto lugar, Jesus Cristo recebeu adoração (Mt 14.33; 28.9; Jo 9.38; Fp 2.10; Hb 1.6), embora Ele tenha ensinado que só Deus deve ser adorado (Mt 4.10). A Escritura também registra que os homens santos (At 10.25-26) e os santos anjos (Ap 22.8-9) recusaram a adoração.
- 1.1.6 Por fim, Jesus Cristo recebeu a oração, que só deve ser dirigida a Deus (Jo 14.13-14; At 7.59-60; 1Jo 5.13-15).

Os versículos 1-18, o prólogo, apresentam a divindade de Cristo e funcionam como uma sinopse, ou visão geral, de todo o livro. João definiu claramente seu objetivo ao escrever seu Evangelho em (Jo 20.31): que seus leitores “creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo [eles], tenhais vida em seu nome.” João revelou Jesus Cristo como “o Filho de Deus”, a segunda pessoa da Trindade eterna. Ele se tornou homem, o “Cristo” (Messias), e se ofereceu como sacrifício pelos pecados. Aqueles que colocam a sua fé nEle “terão vida em seu nome”, enquanto aqueles que o rejeitam serão julgados e condenados à punição eterna.

Vamos analisar, depois dessas informações introdutórias, o texto da revista.

A ideia de que o Prólogo é, ou contém, um hino que já existia na época e foi incorporado pelo evangelista João é amplamente debatida na academia.

Alguns estudiosos entendem que o prólogo de João (Jo 1.1-18) é, ou contém, um hino antigo que já circulava entre os cristãos e que depois foi incorporado ao Evangelho. Eles chegam a essa conclusão porque os primeiros versículos (Jo 1.1-5) têm um ritmo mais “solene”, com repetições em sequência, como se fossem versos que avançam em degraus: “a Palavra... Deus... Deus... a Palavra”. Também observam que certas palavras e ideias aparecem ali de modo bem concentrado, como “Verbo” (Logos) e “graça”, e parecem ter um tom mais “formal” do que o restante do livro. Além disso, esses pesquisadores dizem que o fluxo grandioso é interrompido quando João Batista entra em cena (Jo 1.6-8, 15), como se alguém tivesse “parado o hino” para explicar ao leitor quem foi João. Por isso, nomes conhecidos na pesquisa bíblica, como Rudolf Bultmann e Raymond Brown, defenderam, com variações entre si, que João teria adaptado um material prévio e o moldado para ensinar a fé cristã.

Outros estudiosos, porém, rejeitam essa hipótese e afirmam que o prólogo é uma composição do próprio evangelista, escrita em “prosa poética”: não seria um hino emprestado, mas uma abertura intencional, elevada e cuidadosamente construída. Eles argumentam que a menção a João Batista não é um corpo estranho, e sim parte do propósito do Evangelho: desde o começo, João quer mostrar que Jesus entrou na história e foi publicamente testemunhado (Jo 1.6-8). Também dizem que o estilo do prólogo, embora mais solene, combina com o modo como o Evangelho inteiro trabalha seus temas principais, como vida, luz, testemunho, glória e fé. Além disso, muitos apontam que o texto tem sinais de planejamento interno, como simetrias e correspondências que sugerem unidade, e não uma colagem. Um ponto decisivo, ainda, é que a teoria do hino raramente chega a um consenso: quem defende a hipótese quase nunca concorda exatamente sobre quais versos seriam do “hino original” e quais seriam adições, o que torna a reconstrução muito especulativa.

Vamos olhar para o texto bíblico.

Arche (início) pode significar “fonte” ou “origem” (cf. Cl 1.18; Ap 3.14); ou “regra”, “autoridade”, “governante” ou “uma autoridade” (cf. Lc 20.20; Rm 8.38; 1Co 15.24; Ef 1.21; 3.10; 6.12; Cl 1.16; 2.10, 15; Tt 3.1). Ambas as conotações são verdadeiras de Cristo, que é o Criador do universo (v. 3; Cl 1.16; Hb 1.2) e o seu regente (Cl 2.10; Ef 1.20-22; Fp 2.9-11). Mas *Arche* refere-se aqui ao início do universo descrito em Gn 1.1.

Jesus Cristo já existia quando os céus e a terra foram criados; assim, Ele não é um ser criado, mas existe desde toda a eternidade. (Desde o início dos tempos, com a criação do universo físico, tudo o que existe antes da criação é eterno.) “O Logos [Palavra] não começou a ser então, mas, naquele ponto em que tudo começou a ser, Ele já era. No início, um ponto em que você pode chegar, a Palavra já existia. Em outras palavras, o Logos é antes do tempo, eterno.” Essa verdade fornece a prova definitiva da divindade de Cristo, pois só Deus é eterno.

O imperfeito do verbo *eimi* (en/era), descrevendo ação contínua no passado, reforça ainda mais a preexistência eterna do Verbo. Ele indica que Ele existia continuamente antes do início. Mais importante ainda é o uso de *eimi* em vez de *ginomai* (“tornou-se”). O último termo refere-se a coisas que vêm à existência (cf. Jo 1.3, 10, 12, 14). Se João tivesse usado *ginomai*, teria implicado que a Palavra veio a existir no início, junto com o restante da criação. Mas *eimi* destaca que a Palavra sempre existiu; nunca houve um momento em que Ele veio a existir.

O conceito de palavra (*logos*) é impregnado de significado tanto para judeus quanto para gregos. Para os filósofos gregos, o *logos* era um princípio abstrato e impessoal de razão e ordem no universo. Era, em certo sentido, uma força criativa e também a fonte da sabedoria. O grego comum pode não ter compreendido todas as nuances de significado com que os filósofos investiam o termo *logos*. No entanto, mesmo para leigos, o termo significava um dos princípios mais importantes do universo.

Para os gregos, então, João apresentou Jesus como a personificação e concretização do *logos*. Ao contrário do conceito grego, porém, Jesus não era uma fonte impessoal, força, princípio ou emanção. Nele, o verdadeiro *logos*, que era Deus, tornou-se homem, um conceito estranho ao pensamento grego.

Mas *logos* não era apenas um conceito grego. A Palavra do Senhor também era um tema significativo no Antigo Testamento, bem conhecido dos judeus. A Palavra do Senhor foi a expressão do poder e da sabedoria divina. Pela sua Palavra, Deus introduziu a aliança abraâmica (Gn 15.1), deu a Israel os Dez Mandamentos (Êx 24.3-4; Dt 5.5; cf. Êx 34.28; Dt 9.10), participou da construção do templo de Salomão (1Rs 6.11-13), revelou-se a Samuel (1Sm 3.21), pronunciou juízo sobre a casa de Eli (1Rs 2.27), aconselhou Elias (1Rs 19.9 e ss.), dirigiu Israel por meio de porta-vozes de Deus (cf. 1Sm 15.10 e ss.; 2Sm 7.4ss.; 24.11s.; 1Rs 16.1-4; 17.2-4, 8ss.; 18.1; 21.17-19; 2Cr 11.2-4), foi o agente da criação (Sl 33.6) e revelou as Escrituras aos profetas (Jr 1.2; Ez 1.3; Dn 9.2; Os 1.1; Jl 1.1; Jn 1.1; Mq 1.1; Sf 1.1; Ag 1.1; Zc 1.1; Ml 1.1).

João apresentou Jesus aos seus leitores judeus como a encarnação do poder divino e da revelação. Ele iniciou a nova aliança (Lc 22.20; Hb 9.15; 12.24), instrui os crentes (Jo 10.27), une-os em um templo espiritual (1Co 3.16-17; 2Co 6.16; Ef 2.21), revelou Deus ao homem (Jo 1.18; 14.7-9), julga os que o rejeitam (Jo 3.18; 5.22), dirige a igreja por meio daqueles que Ele levantou para conduzi-la (Ef 4.11-12; 1Tm 5.17; Tt 1.5; 1Pe 5.1-3), foi o agente da criação (Jo 1.3; Cl 1.16; Hb 1.2) e inspirou a Escritura escrita por autores do Novo Testamento (Jo 14.26), por meio do Espírito Santo, que Ele enviou (Jo 15.26). Como o Verbo encarnado, Jesus Cristo é a palavra final de Deus para a humanidade: “Deus, depois de ter falado, outrora, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias nos falou pelo Filho” (Hb 1.1-2).

1.2 O Verbo como pessoa distinta.

Ideia central: “O Verbo estava com Deus” descreve a comunhão pessoal e eterna entre o Filho e o Pai, sem confusão de Pessoas (Jo 1.1; Jo 17.5; Dt 6.4).

O aluno deve sair sabendo: a unidade divina não elimina a distinção pessoal entre Pai e Filho.

A LIÇÃO DIZ: *No texto bíblico, João afirma que “o Verbo estava com Deus” (Jo 1.1b). A expressão grega pros ton Theon (com Deus) comunica relacionamento face a face, ou seja, comunhão pessoal e eterna entre o Verbo (Filho) e Deus (Pai). Indica uma distinção de Pessoas dentro da unidade da Trindade (Dt 6.4; 1 Jo 5.7).*

O termo grego πρὸς (pros), traduzido por “com”, traz uma nuance mais rica do que simples companhia. Ele sugere proximidade pessoal, orientação relacional e comunhão. Como observa Letham (2004), a expressão indica mais do que coexistência; aponta para uma relação face a face, destacando a pessoalidade e a comunhão eterna entre o Verbo e o Pai. “João não está meramente dizendo que o Verbo existia ao lado de Deus, mas que existia em íntima relação pessoal com Ele” (Letham, 2004, p. 380). Assim, Jo 1.1 afirma a distinção de pessoas na Divindade sem divisão de essência. O Verbo não é o Pai, mas participa da mesma natureza divina, o que se harmoniza com a linguagem dos credos históricos. O Credo Niceno (325; revisto em 381), por exemplo, confessa o Filho como “Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai” (*homoousios tō Patri*).

Essa doutrina enunciada em Jo 1.1 encontra eco e aprofundamento em outras passagens:

“E agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.” (Jo 17.5). Aqui, Jesus, o Verbo encarnado, fala de uma glória compartilhada com o Pai antes da criação, reafirmando sua existência eterna e sua comunhão com o Pai.

“Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou (Jo 1.18).” A expressão “Deus unigênito” (*monogenēs Theos*), atestada em muitos manuscritos, reforça a unidade ontológica do Filho com o Pai e, ao mesmo tempo, preserva a distinção pessoal entre ambos.

“(A vida) que estava com o Pai e nos foi manifestada (1Jo 1.2).” A formulação é quase paralela à de Jo 1.1 e confirma a pré-existência relacional do Filho, isto é, sua existência eterna em comunhão com o Pai.

1.3 O Verbo é da mesma essência do Pai.

Ideia central: “O Verbo era Deus” afirma a natureza divina do Filho, em plena igualdade com o Pai (Jo 1.1; Jo 10.30; Cl 2.9).

O aluno deve sair sabendo: o Filho compartilha da mesma essência, e por isso é verdadeiro Deus.

A LIÇÃO DIZ: *Ainda no versículo de abertura, João revela “o Verbo era Deus” (Jo 1.1c). Aqui, a palavra grega para Deus (Theós) aparece sem o artigo definido – fato que tem gerado discussões exegéticas. Porém, na estrutura grega, a ausência do artigo não implica indefinição ou inferioridade. Essa construção enfatiza a qualidade ou a natureza do sujeito. A omissão do artigo não significa “um deus”, como sustentam traduções heréticas, mas é um indicativo da natureza do Verbo. Esclarece que o Verbo compartilha da mesma essência divina (Jo 10.30; 14.9). Desse modo, o Verbo é como o Pai: eterno (Jo 1.2) e criador (Jo 1.3). Portanto, a expressão “o Verbo era Deus” ensina que Jesus é da “mesma substância” do Pai, isto é, Deus em sua totalidade (Cl 1.15; 2.9).*

O Verbo não é meramente um anjo criado ou um ser inferior a Deus Pai e investido por ele com autoridade para redimir pecadores. Ele mesmo é Deus, coigual com o Pai. João agora trata da natureza do Verbo. O Verbo é divino! O apóstolo João abre seu evangelho fazendo uma afirmação categórica e insofismável da divindade do Verbo. Jesus não é apenas um mestre moral; ele é Deus.

Essa é a grande tese de João nesse evangelho. Numa só sentença, o primeiro versículo do evangelho de João declara a eternidade, a personalidade e a deidade de Cristo. João pretende que o todo de seu evangelho seja lido à luz desse versículo. Os feitos e as obras de Jesus são os feitos e as obras de Deus; se isso não é verdade, o livro é blasfemo.

Vamos fazer uma comparação de tradução para fins explicativos e apologéticos:

- “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.” (RA)
- “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus.” (TNM)

Perceba o que aconteceu. A TNM inseriu uma expressão que não está no original grego: o “um”. E, em português, isso muda tudo. Dizer “o Verbo era Deus” afirma identidade de natureza. Dizer “o Verbo era um deus” sugere um ser inferior, uma espécie de divindade de segunda classe. A frase deixa de falar do Deus verdadeiro e passa a falar de um “deus menor”.

Aqui entra um ponto simples sobre o grego do Novo Testamento: a língua grega não funciona como o português quando o assunto é “um/uma”. Em português, “um” é um artigo indefinido explícito. Já no grego, a ausência do artigo definido (“o/a”) não obriga ninguém a traduzir com “um/uma”. Muitas vezes, o grego omite o artigo por razões de estilo, ênfase ou estrutura da frase, e, mesmo assim, o sentido continua definido.

Uma comparação ajuda. Quando dizemos, em português, “João é médico”, normalmente descrevemos a identidade dele, a profissão dele, isto é, a natureza do que ele é. Já “João é um médico” pode soar como “um entre vários”, quase como se você estivesse classificando João em um conjunto. Em João 1.1, a forma como a frase é construída aponta para o primeiro tipo de sentido: João não está colocando o Verbo no grupo de “deuses”; ele está dizendo o que o Verbo é.

Além disso, a própria TNM acaba se traindo pelo critério que usa. Se a regra fosse “sem artigo = indefinido”, então, no mesmo trecho (Jo 1.1-18), ela deveria traduzir várias palavras como “um princípio”, “uma vida”, “um João”, “de um deus”, e assim por diante. Só que ela não faz isso. Ela traduz “Deus” como “Deus” em várias ocorrências em que o termo também está sem artigo, e escolhe “um deus” justamente onde essa escolha serve ao seu sistema doutrinário.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. O VERBO COMO CRIADOR

Ideia central do ponto: O Verbo é o agente da criação e, por isso, é a fonte da vida e a luz que vence as trevas (Jo 1.3-5).

2.1 O agente da criação.

Ideia central: Tudo veio à existência por meio do Verbo, ele é Criador e não criatura (Jo 1.3; Cl 1.16-17; Hb 1.2).

O aluno deve sair sabendo: criar é uma obra exclusiva de Deus, e o Verbo é criador.

A LIÇÃO DIZ: *A Bíblia declara que “no princípio, criou Deus” (Gn 1.1a). A expressão “criou” traduz a palavra hebraica bārā’, termo reservado à atividade criadora de Deus (Gn 1.21,27; 2.4; 5.1,2; 6.7). Afirma que o universo foi criado por Deus a partir do nada latim ex nihilo (Hb 11.3). A doutrina de Deus como Criador possui fundamentos tanto no Antigo Testamento (Sl 33.6; Is 45.12; Ne 9.6) quanto no Novo Testamento (At 17.24; Rm 1.20; Ap 4.11). Nesse sentido, João apresenta Jesus também como Criador: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3).*

No Gênesis, o verbo criar traduz o hebraico bārā’ e comunica a ideia de trazer à existência aquilo que antes não existia. Por isso, a Escritura reserva esse ato a Deus, porque somente Ele é o Ser necessário, isto é, o único que possui, em si mesmo, a vida e o poder para fazer surgir o ser a partir do não-ser, ex nihilo. Em contraste, o ser humano sempre trabalha a partir do que já foi dado: ele depende da criação pré-existente, de modo que pode reorganizar, modelar e transformar, mas não pode originar. Em outras palavras, “o ser humano pode formar uma estátua, mas só Deus pode criar o barro com que ela será feita”.

As três pessoas da Divindade estavam envolvidas no trabalho da criação: “... criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). “O Espírito de Deus pairava por sobre as águas” (Gn 1.2). “Tudo foi criado por meio dele (Cristo) e para ele” (Cl 1.16b).

O texto que temos diante de nós traz profundas implicações para a nossa fé. A seguir, destacamos algumas delas:

- 2.1.1 A negação do materialismo ateuista. João 1.3 utiliza a expressão grega *ta panta* ("todas as coisas") para afirmar que toda a realidade, exceto o próprio Deus, deve sua existência ao Verbo. Isso exclui a ideia de que a matéria seja eterna ou fruto do acaso. Ao destacar que "sem ele nada do que foi feito se fez", o texto estabelece uma criação monoteísta absoluta, refutando visões (como o gnosticismo incipiente) que consideravam a matéria um acidente ou obra de uma divindade inferior.
- 2.1.2 A afirmação da racionalidade e inteligibilidade do mundo. O uso do termo *Logos* é proposital; ele sugere racionalidade, lógica e ordem. O universo não é um caos, mas um sistema ordenado com padrões e conexões. A criação é descrita como uma "arte performática" contínua onde Deus, através do Verbo, sustenta ativamente a existência, garantindo que o mundo permaneça inteligível e não colapse no nada.
- 2.1.3 A centralidade de Cristo na criação e na redenção. João une a obra da criação à obra da salvação na mesma Pessoa. O Agente que trouxe o mundo à existência (v. 3) é o mesmo que traz a "vida" e a "luz" para redimi-lo (v. 4). A salvação não é uma fuga do mundo material, mas a restauração da criação pelo seu próprio Criador. Cristo não é um estranho intervindo em um território alheio; Ele veio para "o que era seu".
- 2.1.4 A possibilidade de conhecer a Deus de modo pessoal e racional. Diferente do *logos* dos estoicos (um princípio abstrato) ou da Sabedoria personificada apenas poeticamente, o Logos de João é uma pessoa divina distinta que entra na história. Porque a criação foi feita por meio d'Ele, ela é um ato de discurso divino, que chamamos de Revelação Geral.

2.2. A fonte da vida.

Ideia central: A vida está no Verbo em sentido absoluto e, por isso, Ele comunica vida eterna aos que nele creem (Jo 1.4; Jo 5.26; 1Jo 5.11-12).

O aluno deve sair sabendo: o Verbo é a fonte da vida verdadeira.

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo João enfatiza com clareza que “nele, estava a vida” (Jo 1.4a), referindo-se ao Verbo eterno Jesus Cristo. Esta declaração revela que o Verbo é a fonte absoluta e originária de toda forma de vida, tanto física quanto espiritual e eterna (Jo 3.36; 1 Jo 5.11,12). A expressão denota a autossuficiência do Verbo, uma característica específica da divindade (At 17.25).*

Quando nascemos, recebemos vida física. Quando nascemos de novo, recebemos vida espiritual. Ambas vêm dele. Embora Jesus seja a fonte de toda a vida biológica, a palavra grega usada aqui, e outras 35 vezes nesse evangelho, nunca é *bios*, vida biológica, mas *zoe*, vida espiritual, ou seja, vida do alto (3.3), vida eterna (3.15,16; 20.31), vida abundante (10.10).

A teologia de João amplia o conceito de vida para além da existência física e o concentra na vida eterna (*zoē aiōnios*), como realidade cristológica e presente. Vejamos algumas implicações:

- 2.2.1 Uma Pessoa, não um prêmio. Quando Jesus diz: “Eu sou a ressurreição e a vida” (Jo 11.25), Ele ensina que a vida eterna não é um “objeto” que Deus entrega à parte. A vida eterna é o próprio Cristo dado a nós. Ter vida é estar unido a Ele e viver em comunhão com Ele.
- 2.2.2 Qualidade, não só duração. Em João, “vida eterna” não significa apenas viver para sempre depois da morte. É a vida da nova era, iniciada agora, porque quem crê já “passou da morte para a vida” (Jo 5.24). Trata-se de uma vida real, abundante e orientada pela presença de Deus.
- 2.2.3 Fonte que transborda. Assim como o Pai tem vida em si mesmo, “concedeu ao Filho ter vida em si mesmo” (Jo 5.26). Jesus é a fonte autossuficiente e inesgotável da vida, que não depende de nada fora de si e comunica vida aos creem continuamente.

2.3 A luz dos homens.

Ideia central: O Verbo ilumina e confronta as trevas, e estas não conseguem dominar a sua luz (Jo 1.4-5; Jo 8.12; 1Jo 1.5).

O aluno deve sair sabendo: Cristo é a luz que expõe o pecado e sustenta o crente contra as trevas.

A LIÇÃO DIZ: *O texto bíblico assevera que “a vida era a luz dos homens; e a luz resplandecia nas trevas, e as trevas não a compreenderam” (Jo 1.4b-5). A metáfora da Luz simboliza o caráter de Deus, porque nEle não há trevas alguma (1 Jo 1.5). Nesse contexto, Jesus é apresentado como a Luz verdadeira (Jo 1.9). Ele não apenas possui luz; Ele é a própria Luz (Jo 8.12). Ele dissipa as trevas, ilumina os perdidos e revela o pecado (Mt 4.16; Jo 3.19). A declaração “as trevas não prevaleceram contra ela” (Jo 1.5 NASA) mostra que as forças do mal não têm poder sobre Cristo.*

O mesmo que nos supriu com vida é também a luz dos homens. Ele fornece a orientação e a direção necessárias para o homem. Uma coisa é existir, outra, bem diferente, é saber como viver, compreender o verdadeiro

propósito da vida e conhecer o caminho para o céu. O mesmo que nos deu vida é quem nos fornece luz para o caminho pelo qual viajamos.

Há sete títulos maravilhosos de nosso Senhor Jesus Cristo no primeiro capítulo do evangelho. Ele é chamado: o Verbo (v. 1,14), a Luz (v. 5,7), o Cordeiro de Deus (v. 29,36), o Filho de Deus (v. 34,49), o Cristo ou Messias (v. 41), o Rei de Israel (v. 49) e o Filho do Homem (v. 51).

Onde a luz chega, ela espanta as trevas. A luz desmascara e dissipa as trevas. O mundo está em trevas, porque o diabo cegou o entendimento dos incrédulos. Mas onde Jesus se manifesta salvificamente, as vendas dos olhos são arrancadas e os cativos são trasladados do império das trevas para o reino da luz. Na primeira criação *havia trevas sobre a face do abismo* (Gn 1.2), até que Deus chamou a luz à existência. Da mesma forma, a nova criação abrange a expulsão da escuridão espiritual pela luz que brilha no mundo. Sem a luz, que é Cristo, o mundo das pessoas está envolto em trevas.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. O VERBO COMO REVELAÇÃO DO PAI

Ideia central do ponto: Na encarnação, o Verbo torna Deus conhecido de modo pleno, trazendo graça, verdade e a glória do Pai (Jo 1.14,18).

3.1 A encarnação do Verbo.

Ideia central: O Verbo se fez carne e “habitou” entre nós, isto é, ele tabernaculou. (Jo 1.14; Êx 25.8-9; Fp 2.6-8).

O aluno deve sair sabendo: Deus se aproximou em Cristo de forma histórica, visível e pessoal.

A LIÇÃO DIZ: João também apresenta o Verbo como o supremo meio de auto revelação do Pai: “o Verbo” se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória” (Jo 1.14a). Esta afirmação marca o ponto culminante da revelação divina: o Verbo se tornou homem sem deixar de ser Deus (Fp 2.6-8). O termo grego *eskēnōsen* (habitou) significa literalmente “armou sua tenda”. Essa linguagem faz alusão ao Tabernáculo (Êx 25.8,9), onde a presença de Deus habitava no meio do povo de Israel. O corpo de Cristo é assim comparado a esse tabernáculo: nele, a glória de Deus se manifestou visível entre os homens (Cl 2.9). Ele revela a união hipostática das duas naturezas do Filho: divina e humana. Ele é o Emanuel, o Deus conosco (Mt 1.23) a plena revelação do Pai (Hb 1.1).

É importante que o professor, entre outras coisas, tenha em mente a diferença entre encarnação, reencarnação e ressurreição.

3.1.1 A encarnação refere-se ao ato pelo qual o Filho de Deus, Jesus Cristo, assumiu a natureza humana sem deixar de ser Deus. Portanto, a encarnação de Cristo é um evento único e irrepetível, que trouxe a plena revelação de Deus aos homens (Jo 14.9).

3.1.2 A ressurreição é a restauração da vida após a morte, mas em um corpo glorificado. Jesus ressuscitou corporalmente ao terceiro dia, provando Sua divindade (Rm 1.4) e garantindo a ressurreição futura dos

crentes (1 Co 15.20-23). Diferente da reencarnação, onde se crê que uma alma assume repetidamente novos corpos, a ressurreição bíblica ensina que cada pessoa tem uma única vida, uma única morte e um único juízo (Hb 9.27). Os salvos ressuscitarão para a vida eterna, e os ímpios para a condenação eterna (Jo 5.28-29).

- 3.1.3 A reencarnação, defendida em religiões orientais e no espiritismo, ensina que as almas passam por sucessivas vidas até atingirem um estado de perfeição. Esse conceito é incompatível com a Bíblia, pois nega a redenção única de Cristo e o juízo final. O ensino cristão enfatiza que a salvação vem pela graça, mediante a fé em Cristo, e não por ciclos de purificação através de reencarnações (Ef 2.8-9). Além disso, a Bíblia jamais sugere que alguém possa retornar em outro corpo, mas afirma que após a morte vem o juízo definitivo (Hb 9.27).

O versículo 14 é a declaração bíblica mais concisa da Encarnação e, portanto, um dos versos mais importantes da Escritura. As quatro palavras com que ele começa, o Verbo se fez carne, expressam a realidade de que, na Encarnação, Deus assumiu a humanidade; o infinito tornou-se finito; a eternidade entrou no tempo; o invisível tornou-se visível (cf. Cl 1.15); e o Criador entrou na sua criação. Deus se revelou ao homem na criação, nas Escrituras do Antigo Testamento (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21; cf. Rm 1.18-21) e, acima de tudo, de modo mais claro, em Jesus Cristo (Hb 1.1-2). O registro de sua vida e obra, bem como a sua aplicação e importância para o passado, o presente e o futuro, está no Novo Testamento.

João deixa aqui explícito o que já estava implícito no início do prólogo: Jesus Cristo, a Palavra final de Deus à humanidade (Hb 1.1-2), tornou-se carne. *Sarx* (carne) não tem aqui a conotação moral negativa que, por vezes, assume (por exemplo, Rm 8.3-9; 13.14; Gl 5.13,16-17,19; Ef 2.3), mas refere-se ao estado físico do homem (cf. Mt 16.17; Rm 1.3; 1Co 1.26; 2Co 5.16; Gl 1.16; Ef 5.29; Fp 1.22). Dizer que Ele, de fato, tornou-se carne afirma a plena humanidade de Jesus. *Ginomai* (tornou-se) não significa que Cristo deixou de ser o Verbo eterno quando se tornou homem.

O Filho eterno não só se fez homem; Ele também habitou entre os homens por 33 anos. No Antigo Testamento, Deus “armou sua tenda” com Israel por meio de sua presença gloriosa no tabernáculo (Êx 40.34-35) e, mais tarde, no templo (1Rs 8.10-11), e revelou-se em algumas aparições pré-encarnadas de Cristo (por exemplo, Gn 16.7-14; Êx 3.2; Js 5.13-15; Jz 2.1-4; 6.11-24; 13.3-23; Dn 3.25; 10.5-6; Zc 1.11-21). Durante toda a eternidade, Deus novamente “armará sua tenda” com o seu povo redimido e glorificado: E ouvi uma voz vinda do trono, dizendo: “Eis aqui o tabernáculo de Deus está entre os homens, e ele habitará [skēnoō] entre eles, e eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará entre eles, e ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem clamor, nem dor; as primeiras coisas passaram.” (Ap 21.3-4; cf. 12.12; 13.6)

Embora Jesus tenha manifestado a glória divina de Deus durante a sua vida terrena com uma clareza nunca antes vista, ela ainda estava velada por sua carne humana. Pedro, Tiago e João viram uma manifestação física da glória celestial de Jesus na transfiguração, quando “o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz” (Mt 17.2; cf. 2Pe 1.16-18). Isso foi uma prévia da glória a ser vista em seu retorno (Mt 24.29-30; 25.31; Ap 19.11-16) e da plenitude da sua glória celestial como a única luz da Nova Jerusalém (Ap 21.23). Mas os discípulos viram a natureza santa de Jesus manifestar a glória de Deus principalmente por Ele exibir atributos divinos, como a verdade, a sabedoria, o amor, a graça, o conhecimento, o poder e a santidade.

3.2 A plenitude da graça e da verdade.

Ideia central: A glória vista em Cristo se expressa em graça salvadora e verdade revelada, culminando no próprio Filho (Jo 1.14,17; Jo 14.6; Tt 2.11).

O aluno deve sair sabendo: em Cristo, a graça e a verdade chegam com plenitude.

A LIÇÃO DIZ: *João, testemunha ocular da encarnação do Verbo, declara ser a “glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14b).*

O verbo *vimos* (ἐθεασάμεθα) indica uma visão cuidadosa e deliberada que busca interpretar o seu objeto. Refere-se, de fato, à visão física; todavia, sempre inclui algo a mais, adicionando um calmo escrutínio, contemplação e até admiração. Não descreve o ato daquele que *fita* de forma distraída, ou simplesmente *olha* rapidamente, ou ainda *percebe* de forma abrangente o que está ao seu redor. Pelo contrário, este indivíduo *olha atentamente* um objeto e reflete sobre ele. Ele o *esquadrinha*, *examinando-o* com cuidado.

Ora, quanto a Jesus, lemos que Ele é *cheio de graça e de verdade*. *De graça* porque, quando falava, suas mensagens eram cheias de favor imerecido aos culpados (por exemplo, aos publicanos e pecadores). Os mesmos atributos se revelam em seus milagres de cura, sim, em toda a sua vida e morte, considerada como um sacrifício de expiação cujo propósito real era merecer para seu povo a graça de Deus. *De verdade* porque ele mesmo era a *realidade final* em contraste com as sombras que o precederam.

João qualifica essas virtudes com a palavra "cheio" (*plērēs*) e, posteriormente, refere-se à Sua "plenitude" (*plērōma* Jo 1.16). Isso tem implicações cristológicas profundas. Borchert destaca que Jesus não possui essas qualidades parcialmente, nem é apenas um profeta que fala sobre elas; Ele é a **incorporação total** do caráter divino.

3.3 O revelador do Deus invisível.

Ideia central: O Deus invisível é conhecido por meio do Filho, porque o Filho o “faz conhecer” (Jo 1.18; Jo 14.9; 1Tm 6.16).

O aluno deve sair sabendo: conhecer a Cristo é conhecer o Pai, porque o Filho revela Deus de modo definitivo.

A LIÇÃO DIZ: *No último versículo de seu prólogo, João afirma: “Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer” (Jo 1.18). Aqui, o apóstolo enfatiza que Deus é invisível e inacessível (Êx 33.20; 1 Tm 6.16). No entanto, o Verbo o revelou de forma plena e perfeita.*

Leia com muita atenção este texto:

Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu Deus; o Deus unigênito, que está junto do Pai, é quem o revelou. (Jo 1.16-18, NAA).

Veja o impacto da Encarnação.

3.3.1 Em primeiro lugar, a graça triunfou sobre a lei. Uma vez que a Lei foi dada por Deus por meio de Moisés (Jo 5.45; 9.29; Êx 31.18; Lv 26.46; Dt 4.44; 5.1; At 7.37-38), ela foi imbuída da sua glória e refletiu o seu caráter santo e justo. Por isso, Paulo pôde escrever: “O que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum... Assim, a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom” (Rm 7.7,12; cf. 2Co 3.7-11). No entanto, embora Deus tenha sido gracioso no Antigo Testamento (por exemplo, Gn 6.8;

Ed 9.8; Sl 84.11; Pv 3.34; Jr 31.2; Zc 4.7), a Lei não era um instrumento de graça. A Lei não salva ninguém (At 13.38-39; Rm 3.20-22; 8.3; 10.4; Gl 2.16; 3.10-12; Fp 3.9; Hb 7.18-19; 10.1-4). Ela se limita a convencer os pecadores da sua incapacidade de manter, perfeitamente, os padrões justos de Deus e, assim, a condená-los ao castigo eterno da justiça divina, enquanto revela, ao mesmo tempo, a sua necessidade da graça do perdão. Por isso, Paulo escreveu aos gálatas que “a lei se tornou nosso aio, para nos conduzir a Cristo, para que fôssemos justificados pela fê” (Gl 3.24). Mas, como Filho sobre a casa, na qual Moisés era apenas servo (Hb 3.5-6), Jesus Cristo trouxe a plena realização de graça e de verdade (cf. a discussão do v. 14, acima).

3.3.2 Em segundo lugar, Deus se fez visível com uma clareza nunca antes vista ou conhecida. Isso ocorre, não apenas porque Ele é Espírito e, portanto, invisível (Cl 1.15; 1Tm 1.17; Hb 11.27), mas, principalmente, porque vê-lo traria morte instantânea (Êx 33.20; cf. Gn 32.30; Dt 5.26; Jz 13.22). Assim, ninguém jamais viu a Deus em tempo algum (Jo 6.46; 1Tm 6.16; 1Jo 4.12,20). É por meio de Jesus Cristo, “a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15), que Deus é revelado. Deus, que não pode ser conhecido a menos que Ele mesmo se revele, tornou-se mais plenamente conhecido porque Jesus o explicou. Jesus é a explicação de Deus. Ele é a resposta para a pergunta: “O que é Deus?” Em João 14.7-9, Jesus declarou essa verdade aos seus discípulos: “Se vocês me conhecessem, conheceriam também o meu Pai. Desde agora vocês o conhecem e o têm visto.” Filipe disse a Jesus: “Senhor, mostre-nos o Pai, e isso nos basta.” Jesus respondeu: “Faz tanto tempo que estou com vocês, Filipe, e você ainda não me conhece? Quem vê a mim vê o Pai. Como é que você diz: ‘Mostre-nos o Pai?’” “Explicou” traduz uma forma do verbo *exēgeomai*, do qual deriva a palavra “exegese” (o método ou a prática de interpretar as Escrituras). Jesus é o único qualificado para fazer essa exegese, ou interpretar Deus ao homem, uma vez que “ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11.27).

CONCLUSÃO

O estudo do prólogo de João revela que Jesus Cristo não é apenas um personagem histórico, mas o Verbo Eterno, que preexistia à criação e compartilha da mesma essência divina do Pai. A encarnação, o momento em que o Infinito se tornou finito e “armou sua tenda” entre nós é o ápice da revelação de Deus à humanidade.

Ao assumir a forma humana, Cristo não apenas validou a dignidade do nosso corpo mortal, mas tornou-se o único mediador capaz de manifestar a plenitude da graça e da verdade. Ele é a luz que dissipa as trevas espirituais e a fonte da vida abundante. Por meio dEle, podemos não só conhecer a Deus mas chama-lo de Pai.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

LETHAM, Robert. **A Trindade:** na Escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.

HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.

Santo Agostinho. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 1994.

ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

RYLE, J. C. (John Charles). **Meditações no Evangelho de João.** São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.